

A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL NO SETOR DE ONCOLOGIA DO HOSPITAL JOÃO ALVES FILHO

Geilde Silva Carvalho Freire¹
Rita de Cácia Santos Souza²

RESUMO: *O propósito do trabalho foi conhecer e analisar a experiência do Projeto Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar, situado no setor de oncologia do Hospital Governador João Alves Filho (H.G.J.A.F) na cidade de Aracaju-SE, para identificar o processo de desenvolvimento dessa modalidade de Ensino Especial, que visa dar continuidade escolar às crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados. A pesquisa é de abordagem qualitativa na modalidade de estudo de caso. Envolveu levantamento bibliográfico e análise documental; na fase exploratória, procuramos analisar o processo pedagógico, no ambiente hospitalar, coletando informações, a partir de observações e das entrevistas realizadas com o recurso da análise de conteúdos. Durante todo o processo de investigação, constatamos a importância do suporte pedagógico no contexto hospitalar para pessoas com necessidades educacionais especiais e sua contribuição para a qualidade de vida dessas pessoas e para a continuidade dos seus estudos ao saírem do hospital. Pais, alunos/pacientes, educadores e equipe médica ressaltaram inúmeras vezes a importância e necessidade de continuidade do projeto. Através desta pesquisa, podemos ressaltar a importância da referida modalidade de ensino que vem beneficiar essa clientela que se encontra temporariamente impossibilitada de frequentar a escola de origem. Portanto, esperamos que o direito de todo paciente em fase escolar seja respeitado e atendido; e que essa modalidade de ensino possa ser ampliada a outros hospitais, bem como novos estudos venham a divulgar e esclarecer a sociedade sobre esse atendimento que, mesmo sendo legalizado por Lei, ainda é pouco divulgado nos meios acadêmicos, escolares e pediátricos.*

Palavras-chave: Classe Hospitalar; Educação Especial; Inclusão.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu após a leitura de um artigo da Revista Nova Escola, que tratava da relevância desse tipo de atendimento e me chamou atenção. Passei a pesquisar outros textos e a buscar no Estado experiências semelhantes, localizando no H.G.J.A.F. um projeto referente ao tema com o nome *Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar*. Houve um amadurecimento da idéia e resolvi fazer um estudo de caso, com o objetivo de divulgar essa modalidade de ensino especial conhecida como *Classe Hospitalar*, muito pouco desenvolvida e até desconhecida pela maioria dos professores.

O método selecionado para atingir os objetivos baseou-se nos princípios do estudo de caso, a ser realizado na classe hospitalar *Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar* no setor de Quimioterapia do Hospital Governador João Alves Filho (H.G.J.A.F.), situado na Avenida Tancredo Neves, S/N, bairro Capucho, Aracaju -Sergipe.

Segundo Gil (1999, p.72-73), estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e

¹ Pedagoga pela Universidade Tiradentes, Aracaju-SE. E-mail: geildescf@yahoo.com.br. (autora)

² Pedagoga e mestre em educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutoranda em educação pela UFBA e professora do Curso de Pedagogia da Universidade Tiradentes. E-mail: ritacssouza@ibest.com.br. (co-autora)

detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

De acordo com Pádua (2002: p. 71-72), o *estudo de caso* não pode ser considerado uma técnica que realiza a análise do indivíduo em toda sua unicidade, mas é uma tentativa de abranger as características mais importantes do tema que se está pesquisando, bem como seu processo de desenvolvimento. (...) *esta técnica é flexível, podendo o pesquisador passar do contexto meramente descritivo para o contexto interpretativo ou heurístico, à medida que sua pesquisa avance.*

Decidimos pelo estudo de caso, por constituir um método de caráter naturalista de pesquisa educacional. Segundo Lüdke, as características fundamentais desse método podem ser assim sintetizadas:

(...) visam a descoberta; (...) interpretam a situação em contexto; (...) buscam retratar a realidade de forma completa e profunda; (...) usam uma variedade de fonte de informações; (...) revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas; (...) procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; e (...) utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa. (LUDKE, 1996: 18-19-20).

Para a execução desse estudo, realizamos observação direta, com o intuito de chegarmos mais perto da realidade do atendimento educacional no ambiente hospitalar e conseguir um contato maior com o objeto pesquisado.

Nesse sentido, realizamos observação da sala de aula, dos professores ministrando as aulas, a metodologia aplicada e as atividades dos alunos no processo de desenvolvimento das aulas.

A supracitada classe, em sua totalidade, aborda a transmissão de conhecimento e informações que subsidiam para a formação desses cidadãos, bem como sua (re) integração nas escolas regulares.

A execução da pesquisa envolveu levantamento bibliográfico e documental, fase exploratória, que consiste em analisar o processo pedagógico, no ambiente hospitalar através do estudo de caso, coletando informações, a partir das entrevistas realizadas para subsidiar esse trabalho. A sistematização das informações resultou em dois capítulos. No primeiro abordo uma retrospectiva histórica da educação universal, bem como da educação especial no mundo, no Brasil e em Sergipe. No segundo contextualizo o surgimento do atendimento da Classe Hospitalar e a experiência da classe do H.G.J.A.F., incluindo a análise de entrevistas com professores, coordenadores, psicólogos, médicos, equipe de enfermagem, pais e alunos, por fim as considerações finais.

A EDUCAÇÃO NO MUNDO

A educação universal é um processo pelo qual se constrói uma herança cultural, através das ações do homem que transforma ou modifica de geração a geração. A mesma mantém a memória viva de um povo. Segundo Aranha (2001.p.15), a educação é uma instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade.

É importante destacar que, desde os tempos primórdios, a educação já existia mesmo antes de existir escola. As sociedades primitivas educavam seus povos através dos costumes e das tradições, pelo método da imitação. Como afirma Piletti (1994.p.15), o objetivo da educação

nos povos primitivos é promover *o ajustamento da criança ao seu ambiente físico e social por meio da aquisição da experiência de gerações passadas.*

O mesmo afirma que, entre os povos primitivos, a criança adquire o conhecimento necessário por meio da imitação, que está distribuída em duas fases: a primeira (primeiros anos de vida), imitação inconsciente, quando as crianças brincam com instrumentos utilizados pelos adultos. A segunda (adolescentes), imitação consciente, quando inicia o trabalho, aprendendo, passo a passo as diversas ocupações da tribo. Esses povos valorizavam a educação e as cerimônias de iniciação dos aspectos: moral, social, político e religioso. A educação era igualitária, do qual todos os considerados normais participavam, aprendiam com a prática. Tinha uma característica comum, eram animistas, acreditava na crença de que todas as coisas possuíam alma ou espírito. Nessa época as crianças deficientes ou anormais eram eliminadas, pois acreditavam que era castigo dos deuses, e os sacrificavam para que a sociedade fosse purificada.

Houve mudanças na sociedade primitiva e surgiu a educação Oriental era do início da civilização, devido à necessidade de dominar a linguagem escrita, dos escritos sagrados, com o objetivo de decorar e declamar os textos, conservando e reproduzindo o passado.

No decorrer acontece a expansão e o domínio do cristianismo na Idade Média, que surge para reformar a moral da humanidade. Valorizava a fé e exercia um poder autoritário da verdade baseado nas escrituras sagradas, impedindo o desenvolvimento da ciência, educava para transformar e modelar o homem. Pregava a bondade, o amor e caridade. Amparava e protegia as pessoas doentes ou deficientes, promovendo mudanças para esses cristãos.

As civilizações se desenvolveram e os gregos ofereciam uma educação que dava oportunidade para o desenvolvimento individual dos cidadãos. Uma educação centrada na formação integral (corpo e espírito), considerada o berço da civilização ocidental. Valorizava a liberdade política e moral, a filosofia e a arte, tornando-se elaboradores de cultura. Essa educação era oferecida para os cidadãos livres. A sociedade escravista desvalorizava a formação profissional e o trabalho manual. Nessa época, os indivíduos deficientes ou com algumas anormalidades eram eliminados ou abandonados, não se enquadravam nos ideais atléticos e clássicos. Tal sociedade substituiu as sociedades teocráticas, pelo uso da razão, estabelecendo uma lei humana e não mais divina.

Importantes transformações acometeram as educações Modernas e Contemporâneas, que foram registradas na vida da humanidade e marcaram a passagem de uma idade histórica a outra. Nessa época surge o capitalismo; as ciências humanas; as invenções; a Reforma Protestante; a Revolução Industrial; o proletariado, formado pelos trabalhadores assalariados; a derrubada do Estado absolutista pela burguesia, que passa a assumir o poder político; a separação entre o Estado e a Igreja. Portanto a educação sofre influência e interage com essas transformações, a partir das contribuições de Bacon, Galileu, Descartes e Comênio, havendo repercussões que contribuíram para a modificação dos métodos educacionais, principalmente através das idéias desses grandes pensadores modernos.

Neste sentido cabe ressaltar que Rousseau foi muito importante para a educação, pois suas contribuições influenciavam para uma educação de acordo com a natureza, com as inclinações naturais do indivíduo, nas diversas fases do seu desenvolvimento. O mesmo defendia uma educação natural, apostava no homem como cidadão, indivíduo completo, em plena harmonia com a natureza, desfrutando a liberdade e a igualdade.

Com a passagem dessas grandes mudanças na vida política, econômica e social, surge a escola única, com base comum para todos, através de sistemas educacionais público, gratuito e obrigatório, tendo alguns educadores que se destacou: Pestalozzi, Herbart e Froebel, eram interessados no campo da educação das crianças.

No século XX, com os avanços científicos e tecnológicos, surgem rápidas transformações da escola e da educação, baseada nas idéias do aluno como centro e sujeito da própria educação e

dos métodos ativos, em que o próprio aluno constrói o conhecimento. Nessa época, vários educadores se destacaram na educação: Dewey, Kilpatrick, Decroly, Maria Montessori, Kerschensteiner, Freinet e Makarenko contribuíram para o movimento de Educação Nova ou Escola Nova, período de transformações intensas que constatava mudanças econômicas, políticas e morais. Surgem as revoluções e com elas as modificações na pedagogia e nas formas de educar. Visava uma educação para a democracia, implantando escola pública, universal, gratuita, democrática e de qualidade.

A educação torna-se uma realidade, sendo direito de todos e está claro na Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU), como também na Constituição de 1988 e na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que asseguram a educação gratuita, visando o pleno desenvolvimento da personalidade humana. Ela deve ser contínua, permanente, adaptando-se ao mundo diversificado.

A INCLUSÃO DAS PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

A perspectiva é promover a inclusão escolar das pessoas com necessidades educativas especiais as escolas regulares, que devem modificar seu funcionamento para atender aos alunos, pois é uma questão de direito humano. Segundo Stainback (1999 p. 21), o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas.

O processo de inclusão, durante a evolução histórica da educação especial, vem superando as características de segregação e exclusão dos PNE, antes ignorados, evitados, abandonados ou encarcerados e muitas vezes eliminados. A referida clientela passa a ser percebida como possuidora de certas capacidades, ainda que limitadas, e reconhecida pelo valor humano desses indivíduos, bem como pela igualdade de direitos e pelo exercício da cidadania. Cresce, portanto, a importância da inserção de todos ao programa educacional de qualidade.

É nesse sentido que a Conferência Mundial de Jomtiem sobre a Educação para Todos, de 1990, acreditando que a injustiça social promove a falta de conhecimento a respeito dos direitos e deveres; a falta de educação básica e o acesso à informação. Pensando nessas injustiças é que a Conferência destacou a necessidade de promover maiores oportunidades de uma educação duradoura, abrangendo meios e caminhos possibilitando uma correspondência entre a concepção integral de homem e a educação ideal para a preparação do indivíduo na vida social e a participação ativa e consciente.

Sabemos que o ser humano é extremamente sensível aos meios no qual está inserido. Portanto para o sujeito com Necessidades Educativas Especiais possa se desenvolver requer um processo educacional estruturado, com profissionais competentes, multidisciplinar com uma visão biomédica, psicopedagógica e psicossocial do desenvolvimento e da aprendizagem e do envolvimento educacional básico.

O indivíduo com Necessidades Educacionais Especiais precisa de um contexto real, que possa fazer parte das ações complementares escolares, médicos, psicológicos. Através do processo pedagógico, os serviços médicos e psicopedagógicos devem preocupar-se com ações de prevenção, formação, investigação e acompanhamento do desenvolvimento pedagógico de acordo com a regulamentação para criar condições educacionais regulares especiais ou itinerantes, visando à reintegração pessoal e social, favorecendo amplos contatos com o mundo exterior e com escolas regulares, realizando o intercâmbio de atividades e de professores, permitindo o ajuste do fazer pedagógico às peculiaridades, possibilitando.

(...) que todas as crianças sempre que possível, possam aprender juntas, independentemente de suas dificuldades e diferenças... as crianças com necessidades educativas especiais devem receber todo apoio adicional necessário para garantir uma educação eficaz... deverá ser dispensado apoio contínuo, desde a ajuda mínima nas classes comuns até a aplicação de programas suplementares de apoio pedagógico na escola, ampliando-os, quando necessário, para receber a ajuda de professores especializados e de pessoal de apoio externo (Declaração de Salamanca 1994).

Essa reflexão ajuda-nos a perceber e a considerar a problemática da educação especial do ponto de vista da amplitude do sistema social.

A inclusão é um paradigma da diversidade humana que influencia nas transformações paradigmáticas que defendem a educação de qualidade para todos. Através de projetos pedagógicos para interagir, ensinar, conduzir e realizar na prática pedagógica de forma contextualizada. E para realizar tal prática, se faz necessário:

Torna-se normativa de valores quando julga, por exemplo, entre o certo e o errado, o bem e o mal, o bonito e o feio, o disciplinado e o indisciplinado, etc; torna-se normativa de conhecimento quando se seleciona o que deve ser ensinado ou aprendido como relevante na cultura física, os hábitos de vida, o desporto e a promoção de saúde, por exemplo; e torna-se normativa de atitudes, habilidades e condutas quando definem estereótipos corporais, modelos de movimento e atitudes posturais. (FERREIRA, 2003 apud GAIA, 1994. p.121).

Devemos considerar, compreender e respeitar os princípios e valores de cada indivíduo, independente de cor, raça, sexo ou deficiência, superando as dificuldades em prol de uma educação igualitária, democrática e produtiva.

No século XXI, a educação se projeta para o movimento da inclusão, responsabilizando a escola e a sociedade para educar adequadamente e acolher toda a diversidade humana.

As necessidades educativas especiais incorporam os princípios já provados de uma pedagogia equilibrada que beneficia todas as crianças. Parte do princípio de que todas as diferenças humanas são normais e de que a aprendizagem deve, portanto, ajustar-se às necessidades de cada criança, em vez de cada criança se adaptar aos supostos princípios quanto ao ritmo e a natureza do processo educativo. Uma pedagogia centralizada na criança é positiva para todos os alunos e, conseqüentemente, pra toda a sociedade. (...). As escolas que se centralizam nas crianças são, além disso, a base para a construção de uma sociedade centrada nas pessoas, que respeite tanto a dignidade como as diferenças de todos os seres humanos. Existe imperiosa necessidade de mudança da perspectiva social. (Declaração de Salamanca, 1994).

Esse princípio destaca a possibilidade e a vantagem da convivência entre os diferentes, que têm direitos a uma educação unificada para alcançarem a cidadania com qualidade de vida.

PROJETO ANJO LINGUARUDO DAS ASAS QUEBRADAS QUE QUER VOAR

A proposta educacional no ambiente hospitalar surgiu da necessidade comprovada pelos profissionais de saúde que, preocupados com a baixa auto-estima dos seus pacientes, perceberam

que os mesmos não tinham ânimo, nem saíam de seus leitos, dificultando até o tratamento a que são submetidos. Para contornar essa situação e também para manter os pacientes – em especial as crianças e adolescentes – continuar seus estudos, foi implantado no Hospital Governador João Alves Filho, uma Classe Hospitalar através de um projeto elaborado por Suely Borges, intitulado Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar.

Esse projeto foi instalado, no Centro de Oncologia do referido hospital, situado na Av. Tancredo Neves, s/n, Bairro Capucho, onde ocorreu o lançamento do citado projeto pela Secretaria de Estado da Educação e Desporto (SEED) em 03 de outubro de 2002. O projeto Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar foi solicitado em junho de 2002 pela Dr^a. Rosana Cipolotti (oncologista pediatra), após perceber que as crianças, mesmo participando da recreação na sala do ambulatório, estavam perdendo o ano letivo por falta de um acompanhamento educacional sistematizado, tendo em vista que elas abandonavam a escola quando começavam o tratamento oncológico.

Para isso, a Dr^a. Rosana abordou o Dr. Byron Emanuel E. O. Ramos, diretor do Centro de Referência em Educação, sobre a necessidade de fazer um convênio com a Secretaria de Educação para que as crianças internadas no Centro de Oncologia do H. G. J. A.F. pudessem ter uma assistência educacional durante o período do tratamento, que a maioria dos pacientes não iam para a escola durante o período de convalescença, também por vergonha da queda do cabelo, sentindo-se discriminadas e muitos por não se sentirem motivados.

O Dr. Byron (médico pediatra) do Centro de Referência em Educação Especial do Estado, solicitou à Prof.^a Suely Borges da Costa a elaboração do projeto, o qual, após uma reunião com a equipe do DED / DIESSP e Serviço de Educação Fundamental. Depois de algumas adequações, o mesmo foi apresentado a Direção e Coordenação do Centro de Oncologia do H.G.J. A.F., tendo sido designada a Psicopedagoga Gileide de São Pedro Lessa para a coordenação do projeto, o psicólogo Pedro César do Prado Santos e as professoras Edélisia Magalhães de Araújo e Marlene Bazílio Souza para a execução do projeto. Estas informações foram recolhidas do projeto apresentado pelos responsáveis durante a aplicação das entrevistas.

Dentro da aplicação do projeto de Classe Hospitalar, as informações recolhidas dizem respeito aos dados originais do Projeto Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar. A Secretaria do Estado da Educação, através dos órgãos de Educação Especial (Centro de Referência em Educação Especial – CREE-SE e Divisão de Educação Especial – DIEESP), no departamento de educação, mobilizou os técnicos responsáveis para atender às solicitações requeridas, implantando, assim, a primeira Classe Hospitalar na rede estadual de ensino.

O projeto da Classe Hospitalar foi implantado no setor de Oncologia do H.G.J.A.F., único hospital público de urgência e emergência do Estado de Sergipe, disponibilizando uma sala de recuperação para as crianças do ambulatório, ou seja, crianças que realizavam quimioterapia, sendo as mesmas eram monitoradas por uma recreadora, enquanto aguardavam o tratamento.

Nessa sala, não havia programação sistemática, com atividades elaboradas e acompanhamento educacional; apenas atividades de recreação, implicando prejuízos sócio-afetivos e escolares das crianças internas, por estarem afastadas das respectivas unidades de ensino. Preocupados com o desenvolvimento dessas crianças, os oncologistas pediatras do Hospital se preocupam em assegurar o atendimento especializado a essas crianças, minimizando as perdas nos aspectos sociais, econômico e escolar, baseando-se no amor, admiração e crença de cada criança e suas potencialidades.

É preciso ressaltar que a Classe Hospitalar deve abranger a todos os setores de um hospital, onde haver criança, adolescente ou adultos, internados ou em ambulatórios que estejam afastados da escola regular. Nesse sentido, é que a classe vem atender essa clientela a fim de que ela não tenha perdas e possa dar continuidade a sua escolaridade. O referido projeto que atua no Setor de Oncologia, abrange somente as crianças que estão fazendo o tratamento oncológico,

sem atingir todos os pacientes internados no Hospital. Um ponto a destacar na aplicação do convênio do projeto da Classe Hospitalar do H.G. J. A.F. é que em sua origem buscava atender a educação para as primeiras séries do Ensino Fundamental, porém o que se nota é que há um atendimento desde a Pré-Escola até o Ensino Médio; isso se refere ao crescimento da demanda dos pacientes que dão entrada no referido setor.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As discussões abordadas desde a introdução desse trabalho têm o intuito de analisar o atendimento pedagógico da Classe Hospitalar do O Anjo Linguarudo das Asas Quebradas que Quer Voar do H.G.J.A.F. para identificar se a mesma contempla a proposta sugerida pelo projeto.

Para fundamentar o referido atendimento educacional realizamos a aplicação de uma série de entrevistas, iniciando-se com as pediatras Dr.^a Rosana Cipolotti e Simone Viana.

A Dr.^a Rosana afirma na entrevista que a princípio esse projeto era para ser através do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), contudo não foi aprovado. No final acabou sendo feito um convênio por meio da parceria com a Secretaria de Educação e a Secretaria de Saúde. Ela enfatiza que:

A idéia era que paralela às classes escolares tivessem alfabetização dos pais. Então foi que o projeto não foi adiante com esse formato e foi substituído pelo Anjo Linguarudo das Asas Quebradas Quer Voar da Secretaria da Educação que foi aprovado dessa maneira. (Dr.^a Rosana, 2005).

Ela afirma que facilita o atendimento do ponto de vista médico: *evitando prescrever punção venosa quando possível, adequando o horário da medicação para que a atividade não seja interrompida*, que estimulam as crianças a participarem das aulas e que incentivem também os seus colegas. Havendo assim o processo de atendimento e continuidade escolar.

Quando questionada sobre a influência na recuperação dos pacientes, elas alegam que melhora muito o estado geral deles. Como afirma umas das médicas.

É uma política do próprio atendimento pediátrico, aliada a necessidade do serviço que é de ter uma rotatividade grande de vagas. Para trabalhar com internação mínima, menor tempo possível, de qualquer forma nesse período e se algumas crianças precisam de um tempo maior internada, essas atividades sem dúvida, melhoram muito a qualidade da estada da criança no hospital, isto não resta dúvida. (Dr.^a Rosana)

Neste sentido, a continuidade dessas atividades deve ser incentivada e mantida pelos órgãos responsáveis, visando dar um atendimento humanizado a esses pacientes/alunos para que os mesmos não venham ter prejuízos no processo escolar.

O Psicólogo Pedro relata que, junto com a coordenadora, faziam visitas nas escolas, coletavam *os dados para manter uma ponte de levar para a escola e da escola para o hospital e vice-versa*, sendo essas informações arquivadas na pasta do aluno *porque, em caso de nova internação, podia acompanhar*. Além dessa atividade, ele também realizava um atendimento junto aos professores, pais e os próprios alunos.

É nesse sentido que o referido profissional enfatiza *a importância da atividade didática*, a fim de que o paciente consiga desempenhar essas atividades, com o intuito de estimular o

sistema psíquico para obter uma melhor resposta ao tratamento e conseqüentemente vái influenciar positivamente no sistema imunológico dele.

O mesmo observa que as professoras são experientes, têm um bom planejamento e fazem um trabalho interdisciplinar, com atividades diversificadas, dinâmicas visando atender às necessidades dos pacientes, respeitando as limitações e adaptando ao contexto dos mesmos. E enfatiza a necessidade *que se endosse a parceria através de documento e que as coisas fique bem amparada por lei*, para que o objetivo do projeto seja atingido e assegure o direito dos cidadãos hospitalizados.

Quando questionado sobre o atendimento com as professoras, referente às perdas, ele respondeu que, *apesar de ser um trabalho sofrido, é muito gratificante* porque é um trabalho que está ajudando a quem realmente precisa, então trabalhou fazendo-as refletirem sobre o ponto de vista, que devem se motivar e explicando que *trabalhar com crianças com câncer ela nos ensina a perceber o real valor e que as mesmas não fiquem preocupadas se ele vai ficar curado ou se ele vai morrer amanhã ou daqui a uma semana, a gente está preocupado com o momento em que estiver no hospital com a gente e dar o melhor para conviver com ele sem essa dor, aí sim se estabelece saúde, aí sim se estabelece educação.*

Continuando as entrevistas, com a participação da mentora do projeto, Suely Borges, onde ela afirma que *aqui no Estado de Sergipe não havia uma Classe Hospitalar, esta Hospitalar é garantida pela política educacional especial, é um direito de todas as crianças terem a Classe Hospitalar.*

Então foi pensando nesses direitos que ela elaborou um projeto que constasse uma grade curricular para que pudesse dar continuidade ao atendimento escolar ao paciente durante a internação. *Atuando efetivamente de uma forma bem dinâmica e de uma forma que não se perdesse o gancho viés pedagógico*, procurando trabalhar esse viés pedagógico por meio da literatura infantil, servindo como *intervenção e prevenção*. Essa temática foi pensada com o objetivo de oferecer aos pacientes *o resgate das perdas.*

A mentora afirma que pensou no título do projeto baseado na Literatura Infantil em *um poema de Manoel Bandeira e em um episódio do Sítio do Pica-pau Amarelo*, onde se destaca a figura de um anjo que tinha quebrado a asa. Relacionando esses fatos com a realidade dos pacientes, o Anjo Linguarudo de Manoel Bandeira representa a necessidade de eles em *exteriorizar em seus sentimentos e a asa quebrada, por estarem impossibilitados de retornar a casa.* O que Quer Voar caracteriza a figura *da vontade de voar* que toda criança imagina, transpondo as limitações da doença.

A entrevista com a atual coordenadora Jerusa ressalta *a necessidade de uma intervenção educacional para as crianças portadoras de câncer, pelo espaço de tempo que elas ficavam em internamento.* E que neste ambiente hospitalar seja trabalhado o conteúdo através de contos e histórias infantis atendendo a grade curricular de cada aluno, evitando a defasagem escolar no período de internação. É feita uma visita à escola regular onde são recolhidos os conteúdos a serem trabalhados de forma sistematizada.

Os professores trabalham os conteúdos de forma dinâmica, atendendo à necessidade de cada educando respeitando as limitações dos mesmos. Dentro desse processo, são realizados os registros das aulas ministradas, através de relatórios que são enviados às escolas regulares, evitando assim a evasão, a repetência, como também as perdas educacionais.

Quando indagada quanto à preparação pedagógica das professoras, respondeu que: *elas têm uma capacitação contínua, sempre tem pessoas dando reforço nas necessidades, agora mesmo está sendo reorganizada para que não caia na rotina, tem que ter inovação, elas têm inovação.*

E referente às dificuldades para manter o vínculo com a escola regular, a mesma enfatiza a necessidade de firmar os convênios e a falta do transporte para manter contanto com as escolas regulares.

Nas entrevistas com as professoras, ficou confirmado que elas já trabalhavam com educação especial e que foram selecionadas pela Diretoria de Educação de Aracaju (DEA) para atuarem nessa classe mediante contrato por convênio com a Secretaria de Educação. Elas afirmam que não receberam treinamento para atuar nessa modalidade da Classe Hospitalar, mas que receberam vários treinamentos com professores cubanos, na escola onde trabalham com crianças especiais.

Salientamos que, no seu primeiro contato com o aluno hospitalizado, é necessário o professor informar-se da situação de saúde do mesmo, através da mãe ou do acompanhante, da própria criança, e principalmente, ler o prontuário para saber da evolução e do tratamento. Dessa forma, passa a conhecer melhor seu aluno e encontra subsídio para desenvolver suas atividades.

Referente ao planejamento, elas explicam que seguem o currículo da escola regular usando a interdisciplinaridade através de contos, músicas, histórias infantis, vídeos e jogos. Muitas vezes, tem que reelaborar o planejamento por motivo de receberem alunos não só da primeira à quarta série do Ensino Fundamental, mas também da Pré-Escola ao Ensino Médio.

Essa situação acaba se transformando num obstáculo para o desenvolvimento das aulas. Para as crianças que não estão matriculadas ou que não trouxeram o conteúdo, as professoras fazem um planejamento baseado na série que estão inseridas, dando prioridade às atividades de língua portuguesa e matemática.

No tocante ao papel do professor no ambiente hospitalar é motivar e facilitar a inserção do paciente/aluno no contexto escolar, contribuindo para o aperfeiçoamento, crescimento e desenvolvimento dele, como também auxiliar os pais no entendimento da situação de saúde da criança, observar e detectar se os pais ou os alunos necessitam de apoio de outros profissionais, orientando-os a buscarem mais informações, a fim de solucionar o problema.

Durante as entrevistas, observamos que há uma integração das ações entre médico-enfermagem-educador-paciente/aluno; todos buscam se adequar aos interesses e necessidades, em prol dos indivíduos hospitalizados, visando que eles se sintam bem, menos doentes.

O profissional de branco, como são chamadas as equipes de enfermagem, quando foram questionadas sobre o atendimento educacional na área hospitalar, responderam que é de fundamental importância; é um momento novo; que as crianças ficam mais entusiasmadas; pedem para não colocar o soro na mãozinha com que escrevem para não impedi-las de escrever. Quando elas estão impossibilitadas de sair das enfermarias, vejo *as professoras nas enfermarias ensinando*. Esta é uma afirmação de uma profissional da enfermagem.

Quanto à participação dos pais juntos aos filhos em sala de aula, eles relatam que participam, até mesmo para ajudar, porque na maioria das vezes estão em uso de soro e requer cuidados para não perder a veia, ou então porque eles não querem ficar sozinhos, e principalmente, para incentivá-los a freqüentarem, porque às vezes ficam indispostos, tristes, desmotivados e inquietos. Aida, uma das mães, relatou que: *observo tudo, as atividades, as brincadeiras, os jogos, as historinhas e vejo que a professora faz de acordo com a grade curricular dele. Porque eu sou professora também*.

É interessante frisar que o acompanhante tem um papel fundamental no relacionamento entre o paciente/aluno e o atendimento escolar, principalmente nas interações com o professor, facilitando assim a comunicação e o desenvolvimento das atividades.



Foto 5: Pais participam das aulas junto aos seus filhos.

Perguntamos aos alunos sobre as aulas no hospital e foram unânimes: são *boas, muito boas, gosto dos deveres*. Durante a entrevista, observamos o entusiasmo, a alegria e o olhar de felicidade dos alunos quando comentavam da participação nas aulas. Os mesmos relataram que pedem à mãe para ir para a *escolinha*, como eles falam. Pedimos para relatarem sobre o que mais gosta e o que não gosta nas aulas no hospital. Todos informaram que gostavam de tudo e assim foram relatando: *gosto das atividades, dos jogos, das professoras, da música, dos filmes, das histórias, dos bonecos (são os fantoches)*.

Percebemos a partir das afirmações que os alunos sentem-se felizes em participarem das aulas, mesmo estando debilitados por conta da doença e do tratamento. Outro ponto a ser destacado é que em momento algum eles deixam de interagir, vivenciam as experiências de forma criativa superando suas limitações.

Indagamos se eles sentiram diferença das aulas que você tem no hospital e das aulas que eles tinham na escola onde estudavam. Informaram que as aulas do hospital eram melhores. Como relata um dos alunos: *os deveres daqui são melhores do que os deveres de lá. Aqui eu desenho, pinto, vejo filme, escuto música e lá não. Aqui é silêncio*. Acreditamos na potencialidade que pode ser aflorada nesses pacientes/alunos, construtores de conceitos e desafiadores do conhecimento, mesmo porque eles transmitem vida, alegria, ação, energia e amor.

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de conhecer e analisar o atendimento educacional no ambiente hospitalar, a experiência da classe do Hospital Governador João Alves Filho.

Através desta pesquisa, pudemos constatar a importância da referida modalidade de ensino especial, que vem beneficiar as crianças e adolescentes hospitalizados ou que estão em tratamento ambulatorial, que se encontram temporariamente impossibilitados de frequentarem a escola de origem. A necessidade do reconhecimento dos direitos dessa clientela, como também a manutenção das políticas, através de convênio firmado entre as Secretarias de Educação e de Saúde dos estados ou dos municípios, ou através de entidades particulares e ou filantrópicas ou até mesmo com as universidades.

No decorrer das entrevistas, ficou claro que as maiores dificuldades da Classe Hospitalar se apresentam na questão quanto a sua manutenção por conta das políticas citadas que não mantêm as parcerias. É interessante lembrar a questão do espaço físico e do transporte, necessário para se manter o vínculo com a escola regular.

Portanto, esperamos que o direito de todo paciente em fase escolar seja respeitado e atendido; e que essa modalidade de ensino possa ser ampliada a outros hospitais, bem como novos estudos venham divulgar e esclarecer a sociedade sobre esse atendimento que, mesmo sendo legalizado por Lei, ainda é pouco divulgado nos meios acadêmicos, escolares e pediátricos.

Queremos enfatizar que solicitamos por ofício a cópia do referido projeto ao órgão responsável, mas não houve manifestação do mesmo, por isso não se encontra anexado ao trabalho.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2001.

FERREIRA, M.E.C. **Aspectos de Intervenção na Área da Educação Física Escolar e a Política Inclusiva**. p. 121 - 132.

UNESCO, **Declaração de Salamanca** e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994.

BRASIL, **Conselho Nacional do Direito da Criança e do Adolescente**. Resolução n.41, de 13 de outubro de 1995. (Lei 8.069/90).

BRASIL, Constituição (1988): **Constituição Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília, DF: MEC, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999. p.43.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPV, 1986.

PÁDUA, E. M. **Metodologia das pesquisas: abordagem teórico-pátrica**. 8 ed. São Paulo: Papirus, 2002.

PILETTI, Nelson e Claudino. **História da educação**. 7 ed. São Paulo: Ática, 1997.

STAINBACK. Susan e William. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre, RS: Artemed, 1999.